



UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A ESCULTURA “ANGELS UNAWARES”: UMA CARTOGRAFIA DE CORPOS-MIGRANTES-REFUGIADOS EM TRAVESSIA

Mary Stela Surdi

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
stela@uffs.edu.br

Roselaine de Lima Cordeiro

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS)
roselaindedelima@cordeiro@gmail.com

Marcia Ione Surdi

Professora do Departamento de Letras da Universidade Comunitária da Região de
Chapecó (Unochapecó)
misurdi@unochapeco.edu.br

1. Introdução

Este texto tem como objetivo propor um olhar discursivo-desconstrutivo sobre a escultura “Angels Unawares”, com um trabalho de interpretação de materialidades significantes. Trata-s de uma obra em homenagem ao 105º Dia Mundial do Migrante e Refugiado (DMMR), criada pelo artista e escultor canadense Timothy Schmalz. Desde 5 de setembro de 2019, quem passa pela Praça de São Pedro, no Vaticano, Itália, pode observar tal criação que impressiona, tanto pela sua suntuosidade quanto pelos seus muitos ditos e não-ditos.

Para está análise, constituímos o *corpus* de análise com fotografias e excertos extraídos do site da escultura e de outras fontes nas quais localizamos informações e depoimentos do escultor. A partir desses gestos de interpretação, teceremos considerações para uma possível cartografia dos corpos-migrantes-refugiados que aparecem na cena da escultura, tendo em vista questões relacionadas à hospitalidade e à memória discursiva.

2. Material e métodos

A escultura “Angels Unawares”, que aparece na Figura 1 a seguir, traz uma



proposta de interpretação, pelo viés da arte, para um imbricamento de corpos-migrantes-refugiados em travessia:

Figura 1: A escultura “Angels Unawares” e o escultor Timothy Schmalz



Fonte: <https://angelsunawares.org/pt-br/the-sculpture/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

Na Figura 1, é possível observar corpos lado a lado, expressões dos rostos de homens, mulheres, crianças e animais. Alguns têm o olhar direcionado ao horizonte, outros ao céu, outros olham diretamente ao espectador da obra, outros abraçam-se, outros, ainda, repousam suas cabeças no corpo de quem está próximo, uma pessoa está sentada, alguns olham também para o chão. A jangada, embora carregue em si a expectativa de movimento, apresenta-se como fixa. Ela está parada em meio às pedras da Praça de São Pedro, espaço cercado por longas colunas de prédios suntuosos. As roupas, cortes de cabelo e acessórios permitem que observemos corpos de diversos locais, culturas e etnias. O que se sobressai na escultura como ponto mais alto que os demais é um menino e as asas de anjo, ambos evidenciando aspectos como o da pureza, da inocência e da fé no futuro, no que se está buscando. Nela também aparece o escultor canadense, Timothy Schmalz, que idealizou e produziu a escultura.

3. Resultados

Bauman (2017, p. 10) chama a atenção para o modo como os corpos-migrantes-refugiados em travessia, descritos por ele como “refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas”, têm sido



vistos ao longo da história da humanidade, ao afirmar que “eles sempre foram – como o são agora – estranhos”. São estranhos que batem à porta do outro, esperando dele hospitalidade.

Estimulados pelo “desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades” (Bauman, 2017, p. 9), esses corpos-migrantes-refugiados colocam-se em travessia e assumem os riscos decorrentes dela. Riscos de morte, de perda ou de hostilidade, mas também esperançam por uma acolhida.

Na atualidade, temos acompanhado vários estudos sobre a mudança de rota das migrações, são fluxos cada vez mais intensos entre os países do Sul global. Conforme Baeninger (2018, p. 13) “As restrições impostas pelos países do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais consistem em importante elemento na reconfiguração das migrações e seus destinos no mundo hoje”. Segundo a autora, são as chamadas migrações Sul-Sul que ocorrem entre e em direção à América Latina.

4. Conclusões

Em nosso olhar-leitor, a fórmula discursiva “fluxos migratórios” convoca efeitos de sentido que remetem a movimento, deslocamento, travessia. Por essa razão, optamos por designar de “corpos-migrantes-refugiados em travessia” esses sujeitos que carregam histórias, debates, questões e memórias e que carregam junto à travessia rastros e restos de horror, morte, fuga, perseguição, perda e luto. São, pois, corpos-migrantes-refugiados que, em alto-mar, amontoados em um barco, transformam-se em corpos “sem-lugar” (Derrida, 2003, p. 103).

Um “sem-lugar” que na escultura acaba por ser duplamente metaforizado pelos corpos espremidos, dos quais apenas os rostos ficam aparentes, e também por não “pertencerem” a lugar algum, uma vez que em alto-mar, em plena travessia, o próprio caminho é o “lugar”, que a cada movimento se faz e se desfaz. Assim, esses corpos-migrantes-refugiados em travessia não têm “outro lugar que não o estar a caminho, rumo a um destino que lhe é desconhecido” (Derrida, 2003, p. 52). É importante salientar, conforme Baeninger (2018), que nem sempre esses corpos-migrantes-refugiados chegam ao destino que almejam, pois, embora a Declaração Universal de Direitos Humanos reconheça a possibilidade da emigração, não há qualquer garantia de



que essas pessoas poderão entrar nos países, desse modo “[...] as contradições devem ser resolvidas dentro de uma lógica de Direitos Humanos mais inclusivos” (Baeninger, 2018, p. 19).

Por fim, destacamos que, em nosso olhar, a escultura encapsula múltiplas narrativas de travessia, cada corpo representando uma história de migração forçada ou voluntária. Esse amálgama de histórias individuais compõe uma cartografia de corpos que destacam a complexidade e a diversidade das jornadas migratórias. No bronze duradouro da escultura, os corpos-migrantes-refugiados são rememorados, contrastando com a fragilidade de suas vidas em travessia. Assim, interpretamos que os efeitos de sentido convocados pela escultura “Angels Unawares” reforçam e reproduzem um certo discurso sobre os fluxos migratórios. Arriscamo-nos a sugerir que a interpretação proposta pelo escultor, que resulta na escultura de corpos-migrantes-refugiados em travessia e amalgamados em uma pequena barca, acaba por reproduzir não só uma memória sobre esses acontecimentos, mas, principalmente, reforçar certos discursos que colocam esses corpos como corpos “sem-lugar” (Derrida, 2003, p. 103).

5. Referências

BAENINGER, Rosana. Introdução; Contribuições da academia para o pacto global da migração: o olhar do sul. In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino (Orgs.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.